

Eminentíssimo Sr. Cardinal Patriarca
Ex. mos e Rev. mos Arcebispos e Bispos

A situação actual da filosofia entre nós só poderá compreender-se sufficientemente, remontando à reforma pombalina da Universidade e à expulsão dos ordens religiosos em 1834. O tempo disponível obriga a ter pretensões mais modestas e pousa a nossa situação de hoje, quanto à filosofia, na seguinte: a filosofia encontra-se condicionada por dois factores de importância capital. O primeiro prende-se com a criação do segundo Comité do Vaticano e dos documentos pontifícios a ela associados e que vão desencadear um movimento de renovação, fructificado no plano cultural numa abertura de informação e de estudos de carácter de pensamento e de opinião e em análise das várias correntes ideológicas politico-sociais. O segundo facto relaciona-se com

as alterações político-ideológicas registadas a partir de 1974. Graças a esta abertura o movimento editorial intensifica-se em particular no campo da filosofia e disciplinas afins e acelera-se extraordinariamente em tempo relativamente curto. As traduções, pois de traduções se trata, que não de originais portugueses, sucedem-se apressadas e por isso deficientes, ~~quase~~ quase ^{todas} feitas a partir do francês, numa tentativa de preencher lacunas e oferecerem matéria quase na totalidade de continuação marxista-leninista; a par de algumas obras de Marx, Engels e Lenin e de outros "dii minores" em francês e títulos de autores secundários e mesmo secundaríssimos,

com intuições claras de continuação político-social, por nada de filosófico encerram ou revelando apenas oportunismos de editores.

A recente entrada de jovens no ensino superior, cuja preparação no campo das línguas estrangeiras é calamitosa e a criação de novas universidades é outro factor determinantemente do incremento editorial na área da filosofia. As traduções não se alargando de temas ideológicos a obras de carácter mais geral e isento, são elaboradas com maior cuidado e seleccionadas segundo um critério pragmático da ~~educação~~. A recente desvalorização do ensino obriga a traduzir muitas obras para satisfazer as exigências do mercado universitário, traduções agora feitas com

maior rigor científico e apresentação adequada. Esta actividade editorial, que por vezes atinge notável qualidade, cobre especialmente as áreas de lógica e de epistemologia e algumas secções da filosofia moderna e contemporânea.

Quase não há referência meritória ao pensamento medieval, nem mesmo se revela uma linha de orientação cristã suficientemente nítida. Basta dizer, por exemplo, que não conheço tradução alguma de uma obra fundamental de metafísica clássica de orientação cristã, nem mesmo de qualquer outra orientação.

De entre os editores de obras filosóficas merecem citar-se a Imprensa Nacional, onde

dado à estampa
 e têm ~~algumas~~ algumas obras portuguesas de
 algum valor
~~de~~ ~~valor~~; a Fundação Calouste Gulbenkian
 com a aquisição de Kant, Platão, Wittgenstein e
 alguns manuais filosóficos universitários de bom
 mérito. X As edições são com excelentes traduções
 de Leibniz, Kant, Humboldt, Descartes, a Editorial
 Verbo, D. Quixote e Presença.

Apesar do grande número de Universi-
 dades criadas o cultivo da filosofia encontra-se
 ainda limitado à Universidade de Coimbra,
 às Universidades clássica e nova de Lisboa, às
 Universidades do Porto e dos Açores, tem expressão,
 embora marginal na Universidade do Minho
 e ~~está~~ ^{está} presente ~~em~~ de forma ^{diferente} ~~importante~~ na Universi-

tidade Católica Portuguesa. Exceptuando esta última,
 de orientação cristã sólida e aberta, as demais,
 Universidades do Estado e por isso a-confessionais,
 podem, conforme a posição dos professores, velar
 valores cristãos ou pelo menos respeitá-los, tanto
 no ensino como na pesquisa, ~~estando~~ nem que,
 por isso, a sua atitude filosófica seja menos isen-
 ta. Ora uma falta de isenção, que se traduziu
 em franca atitude anti-cristã foi o que acon-
 tecer num período recente. ~~Tudo em decorrência~~
~~do vandalismo assaltô às Universidades por~~
 A liberdade de cátedra, muitas vezes associada
 à imortalidade do docente, não raro imprimi-
 riu uma coloração ideológica no ensino. Esta re-

renúncia de todos nós o verdadeiro analfá-
 ab às universidades por parte de indivíduos to-
 talmente incompetentes, mas protegidos por
 poderosas influências ideológicas das esquerdas,
 desde comunistas a anarquistas, formando
 grupos que ^{entre si se} guerreavam. Embora ~~fosse~~ ^{de} ~~ideolo-~~
 gização da filosofia se mantenham ainda em
 algumas universidades, já se ultrapassou a
 fase mais virulenta (já não se exige hoje como
 norma a aceitação dogmática de Marx ou de Althus-
 ser) e isto em grande parte graças aos próprios
 estudantes, desmotivados pela qualidade do ensino
 ministrado e menos desmotivados, completamente

alheios às matérias a propuar.

Se agora nos interrogarmos acerca dos problemas pelos quais manifesta maior interesse o estudante universitário, uma característica e evidência é em geral manifesta esta repugnância pelo estudo exclusivamente histórico da filosofia. Mesmo os temas clássicos têm que ser apresentados por um prisma de actualidade. A filosofia é tomada a sério. ^{e por isso têm q ser} Para de hoje muitos estudantes é quase tomada como uma doutrina de salvação, pois deve ^{distinir-se} ~~apresentar~~ ~~seu objecto~~ ^{reportar-se} ~~ao~~ ~~totalidade~~ da totalidade do real e por isso lhes impõe uma via racional de conclusão.

graças a ~~essa~~ atitude

9

(por isso) as questões de filosofia contemporânea
veiculadas por autores como Kierkegaard, Nietzsche,
Heidegger, Levinas, Ricoeur, as actuais filosofias dia-
lógicas, a fenomenologia e a hermenêutica, em
que se faz apelo a um sagrado, por vezes
apenas simbólico são estudadas com interesse
e evidenciada a sua dimensão religiosa. Outros
entretanto, embora em menor número, incli-
nam-se para as questões de epistemologia
científica, interessados nas problemáticas de
Popper, Bachelard, Carnap, Wittgenstein e não
com ceticismo qualquer problemática de tipo
metafísico. É neste domínio epistemológico que se mantém
^{ainda} vivo o espírito positivista que dominou o séc. passado e
se mantem, com características diferentes na 1.ª metade deste século.

Passamos agora às orientações fundamentais da reflexão filosófica em Portugal. E começamos pela Universidade, principal instituição geradora de cultura. Não poderemos encontrar linhas da orientação muito bem definidas, mas antes um pluralismo muito acentuado. ~~Mantém~~

~~as~~ ~~as~~ ~~orientações~~ ~~já~~ ~~existentes~~ ~~em~~ ~~modo~~ ~~que~~
~~aparecer~~ ~~radicalmente~~ ~~nova~~. Intensifica-se uma dimensão da antiga disciplina de teoria do conhecimento, dando origem à disciplina de Epistemologia, que é mais do que um nome, pois se transforma em área efetiva de investigação filosófica. Além disso, como doutrina ^{informadora} ~~informante~~ de investigação e ensino surge
 o materialismo dialético, hoje já em ^{certo} declínio, como

já frisamos. Se alguns docentes há, partidários desta orientação, professam-nos à margem das correntes dominantes, ^{o saber:} a fenomenologia, e a hermenêutica orientados metafisicamente, as investigações em torno de Kant e do idealismo alemão e ainda ^{ambos em m. menor grau /} os estudos sobre a história da filosofia em Portugal.

Deixamos para último lugar a Universidade Católica Portuguesa. Com programas de ensino análogo aos das restantes Universidades, os seus estudos filosóficos remontam ao ano de 1934 ^{quando se} instalou em Braga, ~~em~~ no Inst. Sup. de Fil. Bento Ribeiro de Carvalho, então recém-desenvolvido na estrutura portuguesa uma função ~~estímulo~~ catalizadora decisiva, apresentando

um ensino e uma investigação de alta qualidade, unidos numa concepção neotomista, de grande abertura, no espírito de Mañchal, Lotze, Reinier, Max Müller e em íntima ligação com as correntes fenomenológicas e hermenêuticas.

À margem das Universidades, onde um pluralismo de posições filosóficas é por vezes excessivo e da Universidade Católica com a mesma inflexibilidade de valores cristãos, uma orientação está ainda presente na Cultura Portuguesa que não devemos deixar de aminorar: o movimento chamado da Filosofia Portuguesa. A origem, um pouco hegeliana, de que uma nacionalidade

e firma numa cultura própria e esta no
 seu núcleo autêntico revê uma conceptual-
 ização de ordem filosófica, ^{juntamente com} a reflexão sobre
 o pensamento de L. Coimbra, o idealismo da Renes-
 cença Portuguesa, entre outros factores, levou a
 surgir ^{uma filosofia genuinamente nacional} como entranhada na poesia, no teatro,
 no romance, na literatura em geral, nas tradições
 populares, e ainda em modestos pensamentos pro-
 nunciados a filósofos geniais, ~~uma filosofia~~
~~genuinamente nacional~~. Ideias estas do grupo
 da filosofia portuguesa expostas frequentemente
 com grande brilho literário, mas que não atin-
 gem, em nossa opinião, formulação conceptual

rigorosa, nem justificação histórica adequada, ergotando-se, no melhor dos casos, numa visão poética do mundo. De salientar, por fim, junto ao fervor nacionalista, um respeito pelos valores cristãos e mesmo a sua presença.

Para as dimensões do novo País, não podemos afirmar que o interesse pela Filosofia seja diminuído. Nunca houve tanta conferência de personalidades estrangeiras, tantos colóquios e simpósios como hoje em dia. Não há jornal algum de Letras e Artes que não reserve um espaço, por mínimo que seja, a problemas filosóficos. As revistas de cultura, da Avulsão ao Verbo, não dispensam a colaboração filosófica. As revistas universitárias,

Bittler, Revista da Fac. de Letras de Lisboa, Di-
daskalia, inserem produção filosófica de alto
 nível. Alguns delas, como a Revista da Fac.
de Letras do Porto e Arquipélagos, da Universi-
 dade açoriana, subdividiram-se em série de
 ciências humanas e série de filosofia. Ao lado
 destas, como revista especializada assume importância
 capital a Revista Portuguesa de Filosofia, da Universi-
 dade Católica, que dispensa quaisquer comentários.
 Mas também outras surgiram, quase sempre de
 existência efêmera, numido grupos, congregando
 autores filósofos incipientes, exprimindo orientações
 determinadoras. Por exemplo, a Revista da Sociedade
Portuguesa de Filosofia, Análise, Filosofia e Epistemologia

Crítica - Rev. de fil. contemporânea e Logos (revista dos inst. liceais de filosofia).

Além de revistas e edições temos ainda algumas sociedades filológicas: a Sociedade Portuguesa de Filologia, fundada em 1974 e de origem nitidamente marxista; a "Associação portuguesa de estudos kantianos", extensão da alemã Kantgesellschaft, o Centro de Estudos Fenomenológicos e a Sociedade Científica da U.C.P., com a sua secção de filosofia.

Uma referência ainda à filosofia no ensino secundário. Separada ^{alguns} por ~~parte~~ excelentes professores, o aumento de popularidade emstar obrigou a recrutar como

agentes de ensino indivíduos com habilitações com-
pletas e outros em que a actividade intelectual
se sobrepõe à do ensino. Com programas mal
elaborados, sem espírito filosófico e que raras vezes
se cumprem, a formação dos alunos secundários
deixa muito a desejar e por vezes é razão de
muitos estudantes ^{chegados à} ~~universidade~~ ^{terem} a ter
desprezo pela filosofia e seus problemas. Há que
reformular cuidadosamente todo este sector de ensino pro-
pedagógico da filosofia.

Toda esta efervescência que se nota na activi-
dade filosófica portuguesa se por um lado traz
algo de positivo no outro lado revela ainda uma in-
segurança de rumos a tomar. Todo este pluralismo,
que em si ^{mesmo} ~~se~~ ^{revela} ~~desorientado~~ - e a transição por dois
polos: um, bem definido, o polo do agnosticismos, positivis-
mo e mesmo materialismo; outro, de abertura integral

para o que é, de tendência espiritualista, mas ainda insuficientemente definido. A distinção unívoca dos vários planos de reflexão fibrosa e ainda pouco nítida, a distinção entre fibrosia e outras formas de cultura, insuficientemente clara. Além disto esse pluralismo encontra-se, por vezes, contaminado por ideologias. Há, pois, que repensar com o suor do rosto os problemas de hoje e de sempre — descobriu um dia o Prof. Joaquim de Carvalho (...) para que se desentorpeça a consciência que nos ficou das insinuações positivistas e, acima de tudo se alcance a temperatura que esterilize à nascença os germens das simulações pedantônicas e das invenções atroçadas". Estas palavras do doutor mestre apontam bem todo um programa a realizar e fixam com perfeição o projecto que a Universidade de Lisboa e a sua

Soziedade Científica e' chamada a realizar.

Ha' naturalmente filosofias uista, não-ustas e mesmo anti-ustas. Mas enquanto filoso-

fias ^{fontes} encontram-se no mesmo plano e o

diálogo, embora difícil, e' possivel e necessá-

rio. Ha' ^{ainda} que realizam encontros interdiscipli-

nares que confrontam e aproximam pontos de vista

da ciência e da filosofia, delimitando ^{com rigor} essas

áreas de variedade. Alóguis que esclarecem a

importância das modernas problemáticas e estabele-

cem o vector da tradição no campo da filosofia.

E' a um começo desta actividade que a
SCUCP se esta' consagrando, especialmente pela
sua leitura de filosofia. Os alóguis sobre "O

